

# MARACATU AZ DE OURO

## “Histórico do Maracatu Az de Ouro”

Criado no dia 26 de setembro de 1936 por **Raimundo Alves Feitosa** com seus irmãos, como: Zé Neguinho e Alcides (em memória), com objetivo de criar um maracatu para o carnaval de rua de Fortaleza. Seu primeiro ensaio foi no antigo beco do aperto da hora, hoje o cruzamento da rua Visconde do Rio Branco com a avenida Aguanambi em Fortaleza.

Em 1937, o Maracatu desfilou pela primeira vez, com apenas 42 participantes. Foi o único maracatu no carnaval de rua de Fortaleza nos anos 1937 a 1950 a desfilar, em crise entre os anos de 1951 e 1960, o Maracatu Az de Ouro ficou sem desfilar. Na presidência de Raimundo Feitosa, o Maracatu voltou a desfilar por 20 anos consecutivos.

De 1970 a 1978, o Maracatu Az de Ouro foi campeão do carnaval de Rua de Fortaleza como também dirigido por **Joaquim Pessoa de Araújo (Mestre Juca do Balaio)**. Em 1979, assume a presidência o Jornalista Paulo Tadeu, que dirigiu o Maracatu até 1980, ano em que o Az de Ouro foi campeão. Na sequência, o Jornalista Paulo Tadeu deixou o Az de Ouro para fundar o Maracatu Vozes da África. O Maracatu Az de Ouro entrou em crise novamente e voltou a desfilar novamente em 1984, tendo como presidente Zequinha e, como vice-presidente, Jader (em memória). Estes, posteriormente, saíram para fundar o Maracatu Rei de Palmares.

O Maracatu Az de Ouro retorna as mãos do Mestre Juca do Balaio em 1986 a 1992. Em crises constantes, o Maracatu Az de Ouro viveu momentos entre desfilar e não desfilar até que **Antônio Marcos Gomes da Silva** assume a presidência com a seguinte proposição: **O Maracatu Az de Ouro faz parte da Cultura Popular de Fortaleza e de nosso Estado e por isso tem que ser valorizado pelo povo e para o povo**. E fez um verdadeiro carnaval com modificações internas, e o Az de Ouro voltou a experimentar desfiles e classificações, ficando em 4ª colocação nos anos de 1993 a 1996. Percebendo o caminho correto de condução, o então presidente continua seu trabalho, colocando o Az de Ouro na 3ª colocação. Em 2002, divide o vice-campeonato com o Maracatu Rei de Paus.

Com o tema: “**Mestre Juca do Balaio**, um artista cearense, um cidadão brasileiro”, em 2003, “**Ceará, Terra da Luz, Berço da Liberdade**”, em 2004, O Maracatu Az de Ouro classifica-se como vice-campeão de maracatu. Já em 2005, fica com o 3º lugar com o tema “**Nossa Paz é de Oxalá**”. Em 2006. O Maracatu Az de Ouro, o mais antigo de Fortaleza, está completando 70 anos de existência, a avenida continua ficando plena de amarelo, vermelho e branco, e desta magia inexplicável nesse batuque lento, nesse bailar que cheira ao passado e o futuro para que muitos ainda vejam, dancem

**ASSOCIAÇÃO CULTURAL DAS ENTIDADES CARNAVALESCAS DO ESTADO DO**

**CEARÁ – ACECCE**

CNPJ: 09.214.615/0001-95

Fone 30513017

e cantem: “O AZ de Ouro Chegou!”. Com seu tema **Maracatu Az de Ouro, 70 anos de Loas e Batuques**, e contando um pouco dessa história, em 2007 o Maracatu Az de Ouro sai pela primeira vez sem seu mestre (Mestre Juca do Balaio) mais o maracatu com sua grande vontade de não deixar a tradição. Nos anos seguintes fica entre os 5 melhores maracatus de FORTALEZA.

E nos anos seguintes sempre fazendo apresentações em vários espaços e eventos de grande, pequeno e médio porte, eventos esse como, 47º Festival de Folclore de Olímpia – 2011, III Encontro dos Mestres do Mundo, Mostra SESC Cariri das Artes 2011 e 2014, Teia 2010, Cortejo dos Confederados em Fortaleza, Dia do Maracatu, em 2018 foi diplomado “Tesouro Vivo do Estado do Ceará” e também Patrimônio Imaterial de Fortaleza entre outros.

Atualmente está organizado o acervo do Memorial “**Mestre Juca do Balaio**” e possui também um e-mail cultural [maracatuazdeouro75@gmail.com](mailto:maracatuazdeouro75@gmail.com) para divulgar suas ações e eventos. O Maracatu Az de Ouro se prepara para organizar um ano d atividades comemorativa em função dos 83 anos em 2019.

**ASSOCIAÇÃO CULTURAL DAS ENTIDADES CARNAVALESCAS DO ESTADO DO  
CEARÁ – ACECCE**

CNPJ: 09.214.615/0001-95

Fone 30513017

# MARACATU AZ DE OURO

Anastácia, Resistência Negra Santificada  
Criado em 06 de junho de 2013, Publicado em 16 de março de 2018  
Escrito por Anastácia

## História de uma Princesa Bantu

### CONHEÇA A VIDA DA ESCRAVA ANASTÁCIA

#### A ESCRAVA ANASTÁCIA (A SUA HISTÓRIA):

Nos meios que militam as lideranças negras, femininas ou masculinas, é comentado muito sobre quem foi e como teria sido a vida e a história da Escrava Anastácia, que muitas comunidades religiosas afro-brasileiras, particularmente, as ligadas à religião católica apostólica romana, gostariam de propor a sua Santidade, o Papa, para que fosse beatificada ou santificada, dentro dos preceitos e dos ritos católicos que regem este histórico e delicadíssimo processo.

Pelo pouco que se sabe desta grande mártir negra, que foi uma das inúmeras vítimas do regime de escravidão, no Brasil, em virtude da escassez de dados disponíveis a seu respeito, pode-se dizer, porém, que o seu calvário teve início em **9 de abril de 1740, por ocasião da chegada na Cidade do Rio de Janeiro de um navio negreiro de nome “Madalena”,** que vinha da África com carregamento de 112 negros Bantus, originários do Congo, para serem vendidos como escravos nesse País.

Entre esta centena de negros capturados na sua terra natal, vinha, também, toda uma família real, de “Galanga”, que era liderada por um negro, que mais tarde se tornaria famoso, conhecido pelo nome de “Chico-Rei”, em razão da sua ousadia atuação no circuito aurífero da região que tinha por centro a Cidade de Ouro Preto, Minas Gerais. Delmira, Mãe de Anastácia, era uma jovem formosa e muito atraente pelos seus encantos pessoais, e, por seu muito jovem, ainda no cais do porto, foi arremata por uns mil réis. Indefesa, esta donzela acabou por ser violada, ficando grávida de um homem branco, motivo pelo qual Anastácia, a sua filha, possuía “olhos azuis”, cujo nascimento se verificou em “Pompeu”, em 12 de maio, no centro-oeste mineiro.

Antes do nascimento de “Anastácia”, a sua mãe “Delmira”, teria vivido, algum tempo, no Estado da Bahia, onde ajudou muitos escravos, fugitivos da brutalidade, a irem em busca

**ASSOCIAÇÃO CULTURAL DAS ENTIDADES CARNAVALESCAS DO ESTADO DO**

**CEARÁ – ACECCE**

CNPJ: 09.214.615/0001-95

Fone 30513017

de liberdade. A história se repete. Anastácia, por ser muito bonita, acabou também, sacrificada pela paixão bestial de um dos filhos de um feitor, não sem antes haver resistido fortemente o quanto pode a tais assédios, depois de ferozmente perseguida e torturada, a violência sexual aconteceu. Apesar de toda situação adversa, Anastácia não deixou de sustentar a sua costumeira altivez e dignidade, sem jamais permitir que lhe tocassem, o que provocou o ódio dos brancos dominadores, que resolvem castigá-la ainda mais lhe colocando no rosto uma máscara de ferro, que só era retirada na hora de se alimentar, suportando esse instrumento de supremo suplício por longos anos de sua dolorosa, mas heroica existência.

As mulheres e filhas dos senhores de escravos eram as quem mais incentivavam a manutenção de tal máscara, porque morriam de inveja e de ciúmes da beleza da “Negra Anastácia”. (Onde o seu espírito, combate a inveja, ciúmes e a injustiça). Anastácia já muito doente e debilitada, é levada para o Rio de Janeiro, onde vem a falecer, sendo que seus restos mortais foram sepultados na Igreja do Rosário que, destruída por um incêndio, não teve como evitar a destruição também dos poucos documentos que poderiam nos oferecer melhores e maiores informações referente à “Escrava Anastácia” – “A Santa” (assim, é venerada dentro da Religião Afro-Brasileira), além da imagem que a história ou a lenda deixou em volta do seu nome e na sua postura de mártir e heroína, ao mesmo tempo.

Descrita como uma das mais importantes figuras femininas da história negra, escrava Anastácia é venerada com santa e heroína em várias regiões do Brasil. De acordo com a crença popular, a Escrava Anastácia continua a operar milagres.

## **HISTÓRIA DE UMA PRINCESA BANTU**

### **(A SUA HISTÓRIA)**

Versão extraída do livro “Anastácia escrava e mártir negra”, de Antonio Alves Teixeira (neto) da editora Eco.

Descoberto que foi o Brasil, em 1500 vieram logo os primeiros colonizadores e os governantes, necessário se fazia, desde então o desenvolvimento da terra, especialmente a lavoura. Daí o terem vindo os celebres Navios Negreiros aprisionando os pobres negros africanos, para aqui serem entregues como escravos e vendidos. Eram os infelizes negros oriundos da Guiné, Congo e Angola. Entre eles vieram Anastácia, uma princesa Bantu, destacando-se pelo seu porte altivo, pela perfeição dos traços fisionômicos e a sua juventude.

**ASSOCIAÇÃO CULTURAL DAS ENTIDADES CARNAVALESCAS DO ESTADO DO  
CEARÁ – ACECCE**

CNPJ: 09.214.615/0001-95

Fone 30513017

Era bonita de dentes brancos e lábios sensuais, olhos azuis, onde se notava sempre uma lagrima a rolar silenciosa. Pelos seus dotes físicos, presume-se que tenha sido aia de uma família nobre que ao regressar a Portugal, a teria vendido a um rico senhor de Engenho. Pelo seu novo dono, foi levada para uma fazenda perto da Corte, onde sua vida sofreu uma brutal transformação. Cobiçada pelos homens, invejada pelas mulheres, foi amada e respeitada pelos seus irmãos na dor, escravos como ela próprio bem, como pelos velhos que nela sempre encontraram a conselheira amiga e alguém que tinha “poderes” de cura para os males da alma e do corpo.

Serena, submissa aos algozes até morrer, sempre viveu ela. Chamavam-na Anastácia, pois não tinha documentos de identificação, por ela deixados na pátria distante. Trabalhava o dia na lavoura, certo dia veio a vontade de provar um torrão –de-açúcar. Foi vista pelo malvado do feitor que, chamando-lhe de ladra, colocou-lhe uma mordança na boca. Esse castigo era infame e chamou atenção da Sinhá Moça, vaidosa e ciumenta, que ao notar a beleza da escrava, teve receio que seu esposo por ela se apaixonasse, mandou colocar uma gargantilha de ferro.

Coisas do destino, o filho do fazendeiro cai doente sem que ninguém consiga curar, em desespero recorrem a escrava Anastácia e pedem a sua cura, o qual se realiza para o espanto de todos. Não resistindo por muito tempo a tortura que lhe fora imposta tão selvaticamente, pouco depois a escrava falecida, com gangrena, muita embora trazida para o Rio de Janeiro para ser tratada. O feitor e a sinhá moça se sentiram arrependidos por um sentimento tão forte, que lhe foi permitido o velório na capelinha da fazenda. O seu senhor, também levado pelo remorso, providenciou-lhe um enterro como escrava liberta depois de morta. Foi sepultada na Igreja construída pelo seus irmãos de dor e acompanhada por dezenas de escravos.

**ASSOCIAÇÃO CULTURAL DAS ENTIDADES CARNAVALESCAS DO ESTADO DO**  
**CEARÁ – ACECCE**

CNPJ: 09.214.615/0001-95

Fone 30513017

# MARACATU AZ DE OURO

LOA DO MARACATU 2019

## ANASTÁCIA, RESISTENCIA NEGRA SANTIFICADA

Letra e Música – Hermetak Sabiá da Laranjeira e Dgal Galdino

Se te fizeram da vida um Martírio  
Se um Homem tirano quis te violar  
Tu levas paz no semblante tranquilo  
Que o sofrimento não pode tirar  
Tua beleza é de tanta pureza  
Que Deus com as forças do alto te deu  
**Graças e poder para fazer a cura**  
**Vem trazer ajuda a esses filhos teus. BIS**

2

**Negra Anastácia Curandeira!**  
**Negra Anastácia, Força de Mulher! REFRÃO**  
**Negra Anastácia da Igreja do Rosário**  
**Salve os povos do Congo, Angola e Guiné!**  
**Negra Anastácia é Princesa Bantu**  
**Que na Lavoura tanto trabalhou**  
**As tuas mãos calejadas também curam**  
**Tua Força e Resistência no Maracatu Chegou. BIS**

3

Teus olhos claros tem a cor das Águas  
De mãe Iemanjá que vem abençoar  
Teu algoz levou ao cativoiro  
O filho doente para se curar  
Tu faz milagres e não se entrega  
A essa opressão que nos tira a paz  
**AZ DE OURO vem saudar tua coragem**  
**E cantar a igualdade para classes social. BIS**

ASSOCIAÇÃO CULTURAL DAS ENTIDADES CARNAVALESCAS DO ESTADO DO

CEARÁ – ACECCE

CNPJ: 09.214.615/0001-95

Fone 30513017